



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CARLOS MAGNO XAVIER CÔRREA**

**(depoimento)**

**2015**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias e Memórias do PELC

**Número da entrevista:** E-736

**Entrevistado:** Carlos Magno Xavier Correa

**Local da entrevista:** Ipatinga, Minas Gerais

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

**Data da entrevista:** 05/11/2015

**Transcrição:** Kenia Garrafiel

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa de Termos:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 38 minutos e 25 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 Páginas

**Observações:**

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Projeto Garimpando Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: CORREA, Carlos Magno Xavier. Entrevista concedida por Carlos Magno Xavier Correa ao Projeto Garimpando Memórias. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues. UFRGS, Ipatinga (MG), 05 nov. 2015, 15 p.

## **Sumário**

Formação e envolvimento com o esporte e o lazer; Projetos Sociais em Ipatinga, Minas Gerais; Início do Programa de Esporte e Lazer da Cidade; Atividades e problemas estruturais do Programa; Reação da população; Programa de Esporte e Lazer da Cidade como política de Estado; Processo de Formação; Modelo do projeto; Perfil dos colaboradores; Prêmio Brasil de Inclusão Social; Projeto que desenvolveu.

Ipatinga, 18 de outubro de 2016. Entrevista com Carlos Magno Xavier Correa a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias.

P.J. – Olá Carlos, primeiro eu queria te agradecer por conversar conosco. Eu queria que tu começasse falando um pouco sobre a tua formação e como tu te envolveu com a temática do esporte e do lazer?

C.C. – Bom dia! Eu que agradeço. Na cidade de Ipatinga<sup>1</sup>, eu tenho muita tranquilidade para falar do esporte e lazer aqui porque eu nasci aqui. Então, são cinquenta e três anos vivendo na minha cidade. E me envolvi muito com o esporte e com lazer durante a minha infância e adolescência por conta dos clubes e das escolas. Uma característica da nossa cidade, que tem um clube por bairro e isso foi um fator determinante na minha formação. Além de ter um dos professores de Educação Física de uma escola que me influenciou em relação ao curso superior que eu defini exatamente por conta dessa influência. Então, cursei o superior de Educação Física depois de passar por vários esportes até quase profissionalmente no futebol. Eu fiz o curso superior de Educação Física aqui em Ipatinga, na UNILESTE<sup>2</sup>, na época centro universitário da PUC<sup>3</sup> e, hoje, UNILESTE, Centro Universitário do Leste. Apesar de ter me especializado em Treinamento Esportivo, em Fisiologia, quando fui fazer o Mestrado eu fui para a área social. Então, eu trabalhei *muito* com a formação, como esporte e lazer no município iniciando um projeto no Centro Esportivo e Cultural Sete de Outubro. Era muito parecido o modelo, quando nós recebemos o convite para o PELC<sup>4</sup>, em meados 2003, 2004, não lembro a data. Esse projeto já vinha sendo desenvolvido de uma forma muito interessante que era de ofertar o acesso a todos, de uma forma diferente, as modalidades, inclusive da dança, do ballet e do teatro. Na época a gente não tinha esse modelo pronto. Então, eu fui estudar sobre avaliação dessa... Alguma política pública que fosse modelo para as cidades. Eu acho que o grande diferencial da nossa época foi a gestão, desenvolvemos um *software* para tabular dados de várias idades e ofertar para a mesmas faixas etárias as várias modalidades. A gente dispunha no Centro Esportivo Cultural Sete de Outubro. Um ponto que a gente não

---

<sup>1</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>4</sup> Projeto Esporte e Lazer da Cidade.

pode deixar de registrar são os núcleos que também viemos a conhecer com o PELC, mas a gente já desenvolvia aqui. Como era centralizada no Sete de Outubro, está quase no centro da cidade, o sucesso foi tão grande que *todos* os bairros gostariam de estar participando no Sete de Outubro, mas não tinha acesso por questão de transporte e pela faixa etária. Era uma dificuldade muito grande. Uma criança de oito, nove, dez anos se deslocar de um bairro periférico até o centro. E aí a gente começou a desenvolver os núcleos no Sete de Outubro nesses bairros. E foi uma grande surpresa para a gente quando nós recebemos o convite e foram dez cidades escolhidas na época, para ser um piloto no projeto do PELC. Isso veio a contribuir *muito* para continuidade do projeto e até uma excelência no projeto do PELC aquela frase que é inesquecível: “O lazer vai tomar conta da sua cidade!” Aquilo foi muito importante para a gente. Eu acho, eu não sei se eu fugi um pouco da pergunta, mas...

P.J. – Não, é isso mesmo. E nesse começo tu falou que já havia algumas atividades junto ao Centro Esportivo Cultural Sete de Outubro e logo depois veio o PELC. Ocorreu uma mudança muito drástica em relação à distribuição dessas atividades na cidade depois do PELC ou não?

C.C. – Ocorreu por conta da formação. Eu acho que o ponto forte do PELC foi exatamente a formação e a formação continuada... Os conceitos de lazer que foram desenvolvidos, o aporte que o Ministério promoveu na formação desses profissionais ou não, porque não eram só pessoas da área do esporte ou da Educação Física, as oficinas, isso foi muito importante para o segmento do esporte e lazer na cidade. Então o município ganhou *muito* com isso, foi um sucesso tremendo por conta dessa formação oferecida pelo Ministério do Esporte.

P.J. – E qual foi o teu envolvimento direto nessa implementação aqui em Ipatinga?

C.C. – De zero a cem [risos] foi 110%. Era praticamente o modelo de gestão, o *software*, a formação. Particpei de praticamente tudo, até a desenvolver novos projetos para outras cidades como modelo tanto do município como do PELC. Depois a gente iniciou.... Aí eu até tive a oportunidade de ser convidado a trabalhar no Ministério do Esporte. E a partir desse modelo nós desenvolvemos o modelo consorciado, eu não sei se posso falar sobre essa experiência, porque como Ipatinga é uma cidade referência do Vale do Rio

Doce, todos os municípios do entorno, da região metropolitana buscavam informação sobre esse projeto que era muito comentado. E isso rendeu frutos para o município porque nós chegamos a ganhar os jogos do interior de Minas Gerais por vários anos consecutivos, por conta da base. Como o Programa, mesmo falando que era lazer, que era esporte de participação, você não consegue proibir a pessoa de ter talento e isso desenvolvia naturalmente. E o Sete de Outubro a gente fez um trabalho depois do PELC que foi um centro de excelência, praticamente, das modalidades. E fomos garimpando esses garotos para outros profissionais para... Como se fosse seleções, vamos dizer assim, mas de uma maneira nunca excludente, porque esse era o ponto forte do PELC, a participação. E aí os municípios do entorno sempre vinham pedir informações e a gente pensou e ofereceu para o Ministério uma proposta de consórcio para atender várias cidades com um custo muito baixo em relação ao que era oferecido exatamente pela formação. Se você desenvolve a formação, os conceitos do projeto nos municípios, a capacidade deles desenvolverem o que a gente pensou que aconteceu no município Ipatinga, a gente poderia transferir isso para os municípios vizinhos. Eu acho que foi um sucesso.

P.J. – E quais que foram as principais demandas nesse começo de trabalho, e no decorrer mesmo?

C.C. – Demandas? Bem, demandas basicamente eram estruturais, físicas, porque o crescimento foi muito grande e o município, os municípios também, eles não estão preparados para o esporte e lazer dessa forma. Não só quadras de esporte, bolas, material esportivo, mas também centros de convivência específicos multiuso para atender para atender um teatro, uma oficina de costura, bordado e várias atividades que foram desenvolvidas. Bocha e outros esportes alternativos, pipa, teatro. A gente não tinha essa estrutura e o crescimento foi muito grande e isso nos surpreendeu. Então eu acho que esses centros de convivência são muito importantes para o município e os bairros descentralizados. E isso foi desenvolvido aqui na região. As praças foram utilizadas, o Parque Ipanema foi utilizado como núcleo e aí o crescimento... Aí ficou só a questão do material esportivo e estrutural. E a questão também do transporte, que foi na época, nós conseguimos desenvolver uma logística com a empresa que atendia o município. Em alguns casos com as pessoas de terceira idade, melhor idade, não lembro mais o nome, a nomenclatura que a gente utilizava, com vans e outros transportes alternativos.

R.R. – Poderia comentar alguma coisa sobre o início dos projetos em relação ao item do lanche, da alimentação?

C.C. – Sim. Na época, quando o PELC iniciou no Sete de Outubro a gente tinha mais de três mil alunos cadastrados, chegou a três mil e seiscentos alunos. E a gente percebeu que o turno que a criança ficava durante esse tempo no Sete de Outubro e ele conseguia ficar em várias modalidades, porque ele saía e ia para o Judô e ia para o Karatê, até Ginástica Olímpica a gente ofereceu. A gente percebia essa questão da fome, porque a gente tinha o acesso de crianças de bolsões de vulnerabilidade. Então a gente já tinha identificado em alguns bairros. E com essa avaliação nós conseguimos iniciar um processo, licitamos na época um lanche, se não me engano durante um ano e meio fornecendo os lanches, e foi um sucesso absoluto. E até o rendimento, porque realmente as crianças tinham essa necessidade. Hoje menos porque a escola de tempo integral praticamente atende quase toda a rede, mas naquela época foi um sucesso.

P.J. – E quais eram as pessoas envolvidas nesse início? Quem eram elas? Se tu te recorda.

C.C. – Bem, dos profissionais envolvidos são vários professores, seria... Na época, professor Dimas César<sup>5</sup>, Cláudio Gualberto<sup>6</sup>, professor Júlio<sup>7</sup>, Carlos Alberto<sup>8</sup>. Pelo menos uns doze profissionais da área, professores de Educação Física, além de assistentes sociais, as garotas da oficina de teatro, o Elias<sup>9</sup>, o Zé Lopes<sup>10</sup>. Eram várias... Um grupo muito forte, muito bem estruturado para a época. Eu acho que foi também um ponto forte para implantação desse projeto.

P.J. – E como foi feita a escolha dos locais para implementar esse projeto aqui?

C.C. – Dos núcleos?

P.J. – Isso.

---

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Cláudio Gualberto de Almeida.

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação.

C.C. – O centro de referência já era o Sete de Outubro. Os núcleos foram por demanda. Como a gente já tinha o *software* de inscrição de cadastro, a partir do momento que a demanda crescia por bairro, nós instalamos os núcleos nas regionais. Ipatinga são nove regionais. E como muito parecido com o processo da educação, então a gente tem um raio de alcance e fazia avaliação com a regional e incluía aquele núcleo naquele local. Pela demanda já da atribuição dos dados que a gente tinha no *software*, porque tinha o interesse do aluno daquela região, as ligações, as mães as escolas, mas a gente não tinha como a logística de atender, por exemplo, uma criança de nove anos porque o pai não deixa entrar em um ônibus sozinho para vir para o Sete de Outubro. Então ele atendia na regional que era próximo. Então os núcleos foram formatados com essa... Com esse desenho.

P.J. – Tu comentou um pouquinho do trabalho de formação, pode contar como é que foi esse começo de formação, já que também os formadores também eram uma coisa recente, não é?

C.C. – Sim! Como eu falei no início, eu acho que a grande revolução do processo de transição do Sete de Outubro para o PELC foram os formadores. Inesquecível a presença da Professora Diná<sup>11</sup>, do Victor<sup>12</sup>, do Luiz Otávio<sup>13</sup> e do Carlão<sup>14</sup>. São pessoas que vieram aqui, fizeram uma grande mudança, assim, de pensamento. Aquela questão crítica do esporte, do lazer isso foi fundamental para o ajuste, a calibragem de um processo para o outro. Principalmente com essa “a voz de fora”. A gente tem muito isso na nossa vida, na profissão e esse olhar que já era uma característica do local da atividade física sempre com objetivo de rendimento, ele cai por terra a partir do momento que chega a formação do PELC. E isso garantia o acesso e a visão dos profissionais, de todos os envolvidos de como olhar diferente. Então, o Victor foi muito impressionante na maneira como ele desconstruiu essa questão do rendimento em relação a formação, na época da formação.

---

<sup>11</sup> Diná Tereza Ramos de Oliveira.

<sup>12</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>13</sup> Luiz Otávio Neves Mattos.

<sup>14</sup> Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior.



P.J. – Tu falou também um pouquinho das atividades desenvolvidas. Pode falar também um pouquinho mais sobre elas? Quais eram as principais assim desenvolvidas. Era de acordo com a demanda local ou...

C.C. – Sim. Era bem de acordo com a demanda local e também a gente aproveitava, por exemplo, bordadeiras foi uma oficina fantástica que a gente utilizava uma área de uma igreja em um dos bairros. E a gente tinha uma frequência diária que era impressionante e a gente não conseguia até nem atender, porque quarenta, cinquenta pessoas em uma sala e a gente começou a ter que transformar e foi um crescimento muito grande. E a gente teve oficinas, o teatro também uma coisa que a gente não pode esquecer. Como que... A partir daquele momento o desenvolvimento hoje nós somos peças das crianças e artistas que desenvolveram no nosso teatro hoje. Já tem uns cinco ou seis anos em cartaz e no Brasil inteiro é que eles viajam, já tem... Então, exportamos os artistas da formação daquela época. E além dos esportes também tradicionais, especializados, o basquete, vôlei, handebol, futsal, praticamente em todos os núcleos. Eu acho que na época também, nós tivemos uma reação, isso é interessante comentar e registrar a reação das academias e locais que cobravam pelo *ballet*, karatê, judô, de reclamarem do projeto porque a gente tinha os *melhores* profissionais oferecendo gratuitamente o acesso as crianças para fazer karatê, *ballet*, dança, *jazz* era tudo em um local só. Então a gente tinha filho, tinha gente de um bairro nobre e de um bairro pobre fazendo a mesma, no mesmo local. A gente tinha um filho de um delegado, do juiz com a criança no mesmo local. Isso foi muito bacana para a gente naquela época. Eu tenho uma resposta, uma vez até em reunião com alguns proprietários que eu comentei o seguinte: “Gente, o acesso se você consegue produzir, pessoas que vão ter interesse em atividade física pela vida, essas pessoas são potenciais clientes de vocês no futuro”. Quando a pessoa quer fazer atividade física orientada, ela contrata um profissional, mas atividade física ela pode ser para o prazer, por lazer, vai para praça, vai correr, não tem. Pelo contrário, nós estamos é multiplicando as pessoas com estilo de vida diferente. Esse que é o objetivo, é esse, e acesso. Não tem ninguém aqui tentando formar um karateca, nós não somos filiados à Federação. A gente não tem esse objetivo. Então, foi uma reação interessante. Curiosidade.

P.J. – Tu saberia me dizer um impacto social que o PELC teve nessas comunidades?

C.C. – Olha, impacto social vocês podem ser até testemunhas no momento que vocês estão aqui hoje, se vocês saírem pela cidade perguntando pelo PELC. Impressionante a marca, o registro que ficou do PELC nessa cidade. Eu não consigo nem medir porque nós não fizemos uma pesquisa, uma avaliação, talvez até um questionário sobre. Na época a gente poderia ter feito isso. Não pensamos nessa análise, mas é uma resposta... Se você for nos bairros, tem alguns bairros que as pessoas me perguntam até hoje: “Pelo amor de Deus, o PELC vai voltar?” Se pedir “Volta com o PELC para cá” e já tem um tempo que eu estou afastado da área, mas eu sou muito conhecido aqui na região, nascido aqui. Então quando eu chego em alguns locais... Então eu acredito que o impacto social foi *imenso* de uma qualidade e uma provocação até as escolas, a rede de educação. As diretoras pediam o PELC, tipo: “Implanta o PELC aqui!”, “Traz o PELC pra cá!” Quando a gente não tinha a escola de tempo integral, o PELC fazia o papel do contra turno. Em *várias* ocasiões nós iniciamos uma escola integral com contra turno, com PELC e não se falava ainda naquela época. Então foi uma... Eu avalio que o impacto foi muito positivo socialmente.

P.J. – O que tu destacaria desse programa de positivo ou de negativo pelas experiências que vocês tiveram aqui em Ipatinga?

C.C. – Olha, de positivo acho que tudo isso que nós falamos, principalmente essa questão do impacto social. E o negativo é que eu ainda sonho com o PELC como uma política de Estado, com uma definição clara e não uma exigência do Governo, mas que fosse ofertada, oferecida pelo Ministério, pelo Governo Federal de forma linear nos cinco mil e quinhentos e poucos municípios desse país. Se a gente tivesse a condição de cada prefeito, cada executivo recebesse as informações ou sua equipe da área do esporte e do lazer com um sistema de gestão apropriado para o município iniciar esse processo, como funciona hoje um sistema de convênio é nacional. Porque o *acesso* dessas crianças... Eu falo crianças, mas a gente confunde porque o PELC ele não tem idade. Eu acho que o acesso da sociedade ofertado pelo PELC com as modalidades e todas as oficinas, ele provoca uma mudança de mentalidade na sociedade. Isso é muito positivo. Então se a gente pudesse, eu acho que seria um grande sonho o PELC fosse uma política de Estado realmente linear e não por uma escolha política do Ministério em quem tem realmente capacidade para receber. Eu acho que o grande avanço que o Ministério desenvolveu na

época, inclusive da Secretária Rejane<sup>15</sup>, foram os editais que não era uma escolha do município, era o município que participava para poder acessar esse, o valor e a formação para oferecer o PELC para a sua cidade. Mas ainda acho muito pouco, porque a gente tinha condições, um modelo para implantar em todas as cidades. Muito simples, porque formação hoje, você pode fazer via digital, não precisa só uma formação presencial ou só algumas presenciais mais um EAD<sup>16</sup> para.... No Brasil seria muito interessante. Então eu acho que de negativo é isso. A gente ainda tem tempo de recuperar.

P.J. – E na tua opinião, quais os principais legados que o PELC deixou e ainda tem deixado aqui para Ipatinga?

C.C. – Eu acho que quando eu falei do impacto social, eu acho que o grande legado foi esse. Como comentei, listar na nossa cidade o PELC não consegue, a gente não consegue desvincular mais o Programa Esporte e Lazer da Cidade da nossa cidade. Isso acho que foi o grande legado, todos os prefeitos que passaram naquela época para cá, todos tiveram interesse de dar continuidade porque era um anseio da comunidade, da sociedade, não era uma questão só política. Então acho que esse é o grande legado que o PELC deixou para a nossa cidade, para nossa região.

R.R. – Poderia nos falar um pouco sobre o consórcio que teve aqui em Ipatinga? Como é que originou? Como é que foi constituído? Porque terminou? Enfim.

C.C. – Deixa eu ver se eu consigo. Na época do consórcio, como eu comentei, várias cidades buscavam informações do nosso município em relação ao PELC. E depois uma, nós conseguimos apresentar para a liga, na época, de esportes especializados um primeiro modelo e depois para o Instituto Cenibra. Na época o presidente do Instituto, Rivelli<sup>17</sup>, já tinha um trabalho social pela empresa e a gente organizou, fez um projeto, uma apresentação desse modelo e apresentamos para o Ministério esse modelo. Fomos atendidos. O interessante foi a divisão em relação ao valor do custo do PELC para a cidade para a gente atender vinte cidades, por exemplo. E o grande ponto da época foi: se o valor da formação era tão alto, deslocamentos, profissionais e todo grupo, e a gente fez um

---

<sup>15</sup> Rejane Penna Rodrigues, Secretária de Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte.

<sup>16</sup> Educação à Distância.

<sup>17</sup> José Geraldo Rivelli Magalhães.

ajuste à formação de um centro. Na época a gente utiliza fazendas ou grandes áreas para atender os vinte municípios, não lembro o número, dezoito na época uma coisa assim. E essa formação era de todos os municípios. Ali que foi o grande segredo de maximizar aquele valor que era para o município. Então, depois esse modelo, confesso que eu não lembro os motivos que o Ministério deixou de replicar isso no Brasil, porque era um modelo muito interessante para atender pequenos municípios, três mil, cinco mil, oito mil habitantes.

R.R. – Eu acho que porque dependia da motivação dos municípios, de ter alguém que encabeçasse esse movimento. A UNDIME<sup>18</sup> fez isso também lá no Mato Grosso, lá deu certo, mas quando mudou a presidência da UNDIME não tiveram mais interesse.

C.C. – Essa foi uma experiência muito interessante. Mas assim, se aquele modelo de gestão compartilhada a partir daquele momento do sistema de gestão do esporte e lazer da cidade, se ele fosse implantado a nível nacional, ele já seria um grande passo para formação nacional do projeto, do Programa Esporte e Lazer. Então, eu acho que o que a gente tem que trabalhar para o futuro é estabelecer o PELC como realmente uma política de Estado no nosso país.

R.R. – Mas já nessa tua experiência, mais de uma década, qual tu diria que deveria ser o perfil dos coordenadores e dos agentes do PELC?

C.C. – Bem, o que eu posso dizer, Rejane, que tem que ser bem além da formação do professor de Educação Física. Ele pode ser um profissional de Educação Física, com certeza seria o melhor profissional ou professor de Educação Física com foco na gestão. E isso aí os outros coordenadores eles são... assistentes sociais, psicólogo que nós tivemos na época, administradores de empresa, uma série de profissionais que se envolveram. Mas eu acho que a especialização do professor de educação mais multidisciplinar na área de gestão seria fundamental, porque é um programa que precisa de uma gestão muito forte, principalmente dos dados, porque são muitos dados para a gente trabalhar. E esse foi o motivo, na época, de eu desenvolver aquele *software* de avaliação da política pública, que foi o papel social. Exatamente para avaliar a percepção da resposta do cidadão em relação

---

<sup>18</sup> União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação.

a essa política, porque ela é muito subjetiva. Então aquele *software* e aquela estrutura que eu montei foi exatamente para permitir, avaliar essa sensação, porque eram sete itens, eu não lembro posso te passar a estrutura novamente, porque foi um modelo muito bacana para a época para a gente avaliar a percepção do cidadão, em relação a política pública de esporte e lazer.

R.R. – A gente até ia solicitar, Carlos, todo o material que tu ainda tivesse, porque tem coisas que a gente guarda no nível pessoal. Se tu achar lá na tua casa esse material, por favor, dá um jeito de encaminhar para a gente, nem que seja digitalizado, escaneado.

C.C. – Tenho! Tenho todo o modelo. Aquela pergunta nas sete dimensões que nós avaliamos e o que foi proposto para aquele Prêmio<sup>19</sup>, a pessoa tinha que responder duas vezes. O julgamento dela em relação à importância que ela dava para aquela política, mas também o desempenho. Então, às vezes ele não dava tanta importância e o desempenho era altíssimo. E o contrário, a gente tinha um desempenho baixo com uma certa importância que a mãe avaliava, que o filho avaliava. E esse cruzamento que a gente fazia análise dos *gaps* de cada dimensão que foi construída. Eu não sei se você conheceu, eu vou passar para você, foi uma experiência muito rica das respostas que nós obtivemos na época.

R.R. – Lembraste agora uma coisa importante que foi o Prêmio Brasil de Inclusão Social promovido pelo Ministério que teve apenas duas edições. E acho que nas duas tivemos a premiação de trabalhos relacionados com o PELC. Acho que no caso de vocês foi um dos. Poderia falar um pouquinho do prêmio?

C.C. – Até hoje eu me sinto muito honrado, na época, porque eu recebi o primeiro lugar geral do Brasil, que eram regionais. Eu recebi o prêmio exatamente em relação ao *software* Papel Social. Que foi essa política, avaliação da política pública do esporte e lazer. Ele foi baseado na estrutura do meu mestrado, do que eu desenvolvi. E na época o sucesso foi imenso porque eu rodei praticamente o Brasil inteiro fazendo apresentações. E utilizando a estrutura que ela era flexível você... Só mudar a dimensão e as perguntas e utilizar como avaliação de um *meeting* ou um troféu de atletismo e várias políticas. A

---

<sup>19</sup> Prêmio Brasil de Inclusão Social promovido pelo Ministério do Esporte.

gente foi utilizando isso no Brasil. Cheguei a trabalhar, fui a Florianópolis para fazer apresentação na época. E eu vejo assim com um pesar, assim, a questão dois prêmios e encerrar esse ciclo por que era um trabalho, uma oportunidade de você desenvolver conhecimento, produzir conhecimento e apresentá-los, vários do Brasil inteiro. Porque foi surpresa naquele primeiro prêmio naquela época, um trabalho de capoeira belíssimo que eu conheci aquele rapaz de Goiânia também com um trabalho incrível. E eu avalio aquele o prêmio foi um sucesso. Gostaria que ele continuasse. Agora, tudo foi por conta da experiência do PELC de conhecer, produzir e depois avaliar. A grande pergunta que a gente fazia nas nossas conversas até na formação, porque depois eu fui formador uma época, era: “O que as pessoas percebem dessa política?” E com base nesse estudo, que é um estudo até o modelo de uma revista indexada de *marketing* dos Estados Unidos, eu traduzi, peguei aquela estrutura para avaliar percepção. Não é uma coisa simples! Percepção é um negócio complicado. E avaliar política também não é muito simples, porque muito subjetiva. E eu criei aquela escala adaptada, de um a cinco, da importância pelo desempenho, esse cruzamento ele foi muito importante para analisar a política. Então eu acho que o prêmio que provocou esse estudo todo e eu acho que foi muito importante para o país.

R.R. – E o que é que tu acha da contribuição do PELC para ti enquanto cidadão, enquanto profissional?

C.C. – Como eu falei no início, a revolução mental que o PELC provocou na primeira formação que nós tivemos aqui, acho que foi assim motivo da minha *virada* na profissão em relação aos estudos de gestão na área do lazer e do esporte para o crescimento pessoal. Acho que foi muito importante. A parte desse... Eu também atendia o SESI<sup>20</sup> no trabalho de ginástica laboral e eu tive a oportunidade de levar esse conhecimento para nossas... Me adaptando atividade física dentro das empresas de uma forma muito lúdica, sempre bem interessante e isso nós conseguimos um avanço muito grande. Pessoalmente foi, para mim foi tudo. Realmente é uma vida.

P.J. – Tem alguma coisa que nós não perguntamos que tu gostaria de comentar?

---

<sup>20</sup> Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Sul.

C.C. – No momento acho eu não. Mas qualquer coisa se eu lembrar eu envio por *e-mail*. O material vou disponibilizar para vocês, as apresentações e o resumo e o manual. E se eu lembrar de alguma coisa passo por *e-mail* para vocês.

P.J. – Muito obrigada, Carlos, pela tua entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]